

ERNESTO DO CANTO ENTRE OS NATURALISTAS AÇORIANOS DO SÉCULO XIX

por
Luís M. Arruda*
Isabel Soares de Albergaria**

Introdução

Desde meados do século XVIII, os Açores foram procurados por naturalistas estrangeiros que se dedicavam, principalmente, ao estudo da fauna, da flora e da geologia. Mais, esse interesse pelo arquipélago aumentou desde que, em 1859, Charles Darwin publicou a obra *On the Origin of Species by Means of Natural Selection*, tendo mesmo originado um número considerável de obras publicadas. Esse interesse relacionava-se com o facto destas ilhas, nascidas do mar, poderem suportar formas faunísticas e florísticas de transição entre as regiões Paleártica e Neártica¹.

Não obstante o interesse da comunidade científica internacional pelas ilhas açorianas, apenas alguns poucos açorianos se manifestaram pelo estudo das ciências da natureza, pois só na segunda metade do século XIX, em Ponta Delgada, aconteceu ter convivido um pequeno grupo de naturalistas, em torno do gabinete de ciências naturais do liceu da cidade, depois museu, e de alguns jardins particulares. Nesta nota são feitas referências a esses naturalistas e ao seu envolvimento com o museu e os jardins, justificativas da sua qualidade de estudiosos da história natural, salientado naquilo que se refere a Ernesto do Canto.

* Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa.

** Mestre em História da Arte pela F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa.

¹ Cf. Luís M. Arruda, “Naturalists and Azores before the 20th century”, *Museu Bocage, Publicações Avulsas*, 2ª série, 3.

Naturalistas, museu e jardins

Foi graças à iniciativa de Carlos Maria Gomes Machado (1828-1901), médico, naturalista e professor, e do seu gabinete de ciências naturais no Liceu de Ponta Delgada que, em 1876, apoiado financeiramente pelo 2º Conde da Fonte Bela, Jacinto da Silveira Gago da Câmara (1851-1894), generoso amigo da ciência, foi organizado um pequeno museu, incluindo, preferencialmente, espécies açorianas interessando simultaneamente aos alunos, ao público em geral e aos naturalistas que, então, cada vez mais procuravam os Açores.

C. Machado, em carta de 19 de Novembro de 1876, dirigida ao Governador Civil, justifica a ideia da criação de um museu como segue: (...) *A nossa posição geográfica interposta entre a Europa, América e África dá a este arquipélago uma feição especial, que muito interessa os naturalistas: vários têm vindo estudá-la, e entre outros principalmente Mousson, Hochstetter, Drouët, Morelet, Hartung, Reiss e Godman; mas fazendo só uma pequena estacção de 3 ou 4 meses, como é possível percorrer e estudar 9 ilhas? (...) De que vantagem não seria pois coligir num local único os seres do reino animal, vegetal e mineral, que habitam estas ilhas e oferecê-los assim, em pouco tempo ao exame e observação dos naturalistas, que aqui aportam, facilitando-lhes o progresso e adiantamento das ciências naturais? Daqui a ideia da criação de um museu açoreano, cuja necessidade e vantagens V. Ex.^a reconheceu (...)*².

Francisco de Arruda Furtado (1854-1887), malacologista, que se havia relacionado com C. Machado a propósito de umas pedras que havia colhido e julgava de valor científico, desde então seu colaborador³, numa carta dirigida ao aracnologista francês Eugène Simon, com data de 15 de Junho de 1880, a primeira do seu arquivo de correspondência científica, a propósito do acolhimento local da iniciativa, refere: *Il y a trois ans on a commencé dans cette île l'organisation d'un Muséum National, création qui a développé le goût des personnes qui aimaient les sciences naturelles. J'ai pris part à tous ces travaux (...)*⁴.

² Cf. João Paulo Constância, "O departamento de História Natural do Museu Carlos Machado, colecções históricas e novos desafios", in *1º Encontro das Instituições museológicas dos Açores*, Ponta Delgada, Museu Carlos Machado, 1994, pp. 141-149.

³ Luís M. Arruda, "Comentários e notas à obra científica de Arruda Furtado", in *Professor Germano da Fonseca Sacarrão*, Lisboa, Museu Bocage, 1994, pp. 353-376.

⁴ Cf. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCL), *Espólio de Francisco Arruda Furtado*, carta de 15.6.1880.

Numa outra carta, responde à disponibilidade manifestada por Maurice Chaper, em 7 de Agosto de 1881, para enviar a Arruda Furtado além de conchas, minerais e plantas, sobretudo minerais, insectos coleópteros, retratando as condições de funcionamento do ainda gabinete de história natural, afirma: *Nós possuímos em Ponta Delgada, no Liceu Nacional, um pequeno Gabinete de história natural, aonde eu trabalho como particular, e eu não hesitaria em rogar a V. Exa. o obséquio de me enviar alguns insectos e mesmo plantas, se aqui houvesse pessoa que se interessasse por esses ramos e assegurasse assim a conservação dos exemplares neste clima húmido, perfeitamente hostil. Mas nós lutamos com falta quase absoluta de gente dedicada e de dinheiro, e portanto desejar exemplares para os deixar perder é-me perfeitamente impossível. Quanto aos minerais, ainda menos há quem se interesse pelo seu estudo, mas há neles uma parte (os cristais) que representa um grande papel, atraindo o público pelo bonito como forma possível de transição para o útil, e, por outro lado, a sua conservação nenhum tempo rouba, como é sabido. Com a condição de isso não causar a V. Ex.^a. o mínimo incómodo, ser-me-ia agradável receber uma ou outra forma atraente por mais vulgar que seja a substância cristalina⁵.*

Fundado naquele ano de 1876 e chamado Museu Açoreano, aberto ao público em 1880, o seu nome mudou, em 1890, para Museu Municipal incluindo secções de zoologia, botânica e geologia. No fim do século XIX, M. Emygdio da Silva considera o museu já bastante notável, com interesse devido às suas colecções locais, e visitado por muitos naturalistas estrangeiros⁶.

Com o tempo, foram aderindo a esta instituição outros homens de saber, interessados pelas coisas da natureza, como Bruno Tavares Carreiro (1857-1911), médico, dedicado à botânica, Eugénio Vaz Pacheco do Canto e Castro (1863-1911), professor e escritor, com a geologia e a mineralogia e Francisco Afonso Chaves (1857-1926), meteorologista e naturalista, com a zoologia.

O museu tornou-se um centro de pesquisa, principalmente taxonómica, como era uso na época, com alguma projecção internacional. Foram muitas as relações de permuta estabelecidas com personalidades e instituições no estrangeiro (v. g. Théodore Barrois, Eugène Simon, instituto oceanográfico de Mónaco e jardins reais de Kew). Furtado, membro da *Philosophical Literary Society* de Leeds, publicou, em Londres, duas notas sobre a anatomia de

⁵ Cf. Idem, *ibidem*, carta de 27.8.1881.

⁶ M. Emygdio da Silva, “S. Miguel em 1893”, *Biblioteca da autonomia dos Açores*, 1 (1893), p. 19.

Viquesnelia atlantica (= *Phenacolimax (Plutonia) atlantica*) e *Vitrina*⁷; Castro, membro da *Société Minéralogique de France*, registou as propriedades ópticas de alguns minerais das rochas do arquipélago açoriano em nota que publicou em Paris⁸; e Chaves, membro do *Comité Météorologique International*, encontrou, entre outros, um copépode do género *Diaptomus* que foi notícia em França⁹. A colaboração que deram a especialistas vários, justificou que pelo menos, Machado, Furtado e Chaves fossem homenageados com espécies que levaram os seus nomes (v.g. o gastrópode *Helix Machadoi*, a aranha *Pardosa Furtadoi* e o peixe *Macristium Chavesi*, entre outras).

Naquela época também foram criados, em Ponta Delgada, magníficos jardins particulares, graças às condições de humidade e de temperatura regular, sem variações bruscas nem grande variação verão/inverno (10º C em média), permitindo a ocorrência de vegetação luxuriante nos Açores¹⁰ e aos grandes proprietários fundiários (à escala insular) que, vivendo das rendas e proventos que a terra lhes dava, se tornaram menos absentistas no sentido em que passaram a administrar directamente, grande parte das suas terras, emparcelando, trocando e permutando inúmeras parcelas, ensaiando novas culturas e florestando enormes áreas, espírito a que estava ligado o gosto pelas plantas e o conhecimento botânico, tornado um requisito fundamental da “boa educação”¹¹.

A comunidade científica internacional conhecia esses jardins e reputava-os entre os mais belos do mundo. Barrois¹², Godman¹³ e

⁷ Francisco de Arruda Furtado, In “*Viquesnelia atlantica*, Morelet et Drouët”, *Annals and Magazine of Natural History*, 5ª Série, 7 (1881), pp. 250-255. Idem, “On a case of complete abortion of the reproductive organs of *Vitrina*”, *Ibidem*, 5ª Série, 9, (1882), pp. 397-399.

⁸ Eugénio Vaz Pacheco do Canto e Castro, “Note sur les propriétés optiques de quelques minéraux des roches de l’archipel açoréen”, in *Bulletin de la Société Française de Minéralogie*, Paris, nº 10 (1887).

⁹ Em *Mémoires de la Société Zoologique de France*, II (1889).

¹⁰ Théodore Barrois, “Recherches sur la faune des eaux douces des Açores”, in *Memoires de la Société des Sciences, de l’Agriculture et des Arts de Lille*, 5ª série, fasc. 6 (1896), pp. 1-272; Frederick du Cane Godman, *Natural History of the Azores or Western Islands*, Londres, John van Voorst, Paternoster Row, 1870.

¹¹ Isabel Soares de Albergaria, *Jardim António Borges, História e composição de um jardim micaelense*, 1993, policopiado.

¹² V. *supra*, nota 10.

¹³ F. C. Godman, *op. cit.*

Thomson¹⁴ referem-se, isoladamente ou em conjunto, aos de José do Canto (1820-1898), grande proprietário e investigador bibliográfico, de José Jácome Correia (1816-1886), filantropo e político, e de António Borges (A. B. da Câmara Medeiros) (1812-1879), político e colecionador de arte, como sendo verdadeiras maravilhas onde se encontravam reunidas as plantas mais belas e as mais raras dos cinco continentes. Segundo Albergaria, o primeiro era considerado como jardim botânico a denotar um espírito científico, o segundo como um jardim inglês e o terceiro como um jardim pitoresco¹⁵.

Na sequência do Jardim de Aclimação de Puerto Cruz (1788-1808), nas ilhas Canárias, os Açores foram olhados como tendo possibilidade de abrigar jardins botânicos experimentais. E embora a criação de um jardim de aclimação, com características científicas, nunca tivesse sido levada a cabo nos Açores, a verdade é que a paixão pelas plantas exóticas, com preferência pelas espécies tropicais e intertropicais, evidencia-se desde muito cedo no jardinamento das quintas de laranja e não mais seria abandonada pelos novos encomendadores dos jardins da Regeneração¹⁶.

Nestes jardins, verdadeiros *arbureta*, as árvores eram tratadas com grande cuidado, de modo a realizarem as suas formas características. Consequentemente, algumas espécies, particularmente aquelas de crescimento simétrico e peculiar, tal como as diferentes espécies de altíngia, araucária, criptoméria, etc. eram, provavelmente, mais perfeitas ali do que nas regiões de onde eram nativas¹⁷. Mais, o protagonismo açoriano envolveu também a propagação das espécies, um indiciador de conhecimentos botânicos apropriados.

Durante as últimas décadas de Oitocentos, os naturalistas açorianos participaram nos circuitos internacionais de permuta de plantas, enviando espécies endémicas, para enriquecimento de coleções botânicas, e exemplares de flora exótica, entretanto aclimatados a latitudes temperadas, e recebendo inúmeros exemplares de outras exóticas.

¹⁴ C. Wyville Thomson, *The voyage of the "Challenger". The Atlantic, a preliminary account of the general results of the exploring voyage of H. M. S. "Challenger" during the year 1873 and the early part of the year 1876*, Londres, MacMillan & Co., 1877.

¹⁵ V. *supra*, nota 11.

¹⁶ Isabel Soares de Albergaria, *Quintas, Jardins e Parques da Ilha de S. Miguel: 1785-1885*, Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1996, policopiado.

¹⁷ C. W. Thomson, *op. cit.*

Beneficiaram dessa permuta os jardins botânicos de Coimbra e da Politécnica, em Lisboa. Em 1866, Edmond Göeze, naturalista alemão, acabado de ser nomeado jardineiro-chefe do primeiro daqueles jardins, dirigiu-se à ilha de S. Miguel a fim de receber os donativos em plantas que alguns proprietários tinham logrado fazer. Dessa visita deixou um relato onde comenta o estado da horticultura micaelense e a capacidade de intervenção de A. Borges, J. Correia e dos irmãos Canto nos “negócios de plantas”. Na viagem de regresso levou na bagagem mais de mil espécies de plantas exóticas, destinadas à estufa temperada do jardim botânico onde trabalhava, e na memória os jardins da ilha e o interesse dos micaelenses dados pela instituição universitária. Um contributo que, segundo J. Canto, constituía um “verdadeiro serviço nacional” e que, posteriormente, seria considerado, pelo director do jardim, como exemplo de elevado nível e merecido reconhecimento científico¹⁸.

A relação com o jardim botânico da Politécnica foi estabelecida, na década de 1870, também entre J. Canto e Göeze, então ao serviço do jardim de Lisboa. Numa carta oficial, o Conde de Ficalho agradece ao primeiro os oferecimentos de plantios e sementes que fizera ao botânico da Politécnica¹⁹.

Wallace, trazido a S. Miguel por J. Canto, pensava que seria vantajoso para o avanço da jardinagem inglesa observar a aclimação nos jardins e pomares de laranjeiras de S. Miguel, pois poderia prestar um precioso auxílio aos grandes proprietários britânicos que possuíam *villas* nas costas do Mediterrâneo, indicando-lhes, como tencionava fazer, quais as plantas que poderiam introduzir, com sucesso, para ornamento dos seus jardins e “*pleasure grounds*”²⁰.

Intervenção de Ernesto do Canto

Àqueles jardins são de acrescentar, neste contexto, dois outros onde interveio Ernesto do Canto (1831-1900), escritor, historiador e naturalista. A sua informação botânica obteve-a em Coimbra, onde estudou anatomia e fisi-

¹⁸ Júlio Henriques, *O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1876.

¹⁹ Cf. Fernando Aires de Medeiros Sousa, *José do Canto. Subsídios para a história micaelense (1820-1898)*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982, p. 85.

²⁰ Peter Wallace, “The gardens and orange grounds of St. Michael’s in the Azores - its climate and peculiarities”, in *Journal of the royal horticultural society*, 7 (1852), pp. 236-251.

ologia vegetais, botânica, agricultura, economia rural e tecnologia e se formou em filosofia natural, em 1856. Neste ano regressou a S. Miguel e passou a administrar a Quinta dos Prestes, em S. Roque, antiga vinha com cerca de 15 alqueires, depois propriedade de campo, simples e rústica. Mencionada a propósito do interesse botânico pelo naturalista Göeze²¹, está descrita pelo jardineiro belga Favresse²² que lá trabalhou durante alguns anos e que elogiou o gosto do seu proprietário que para um terreno tão ingrato (terras de *biscouto*) escolheu o conjunto de plantas que melhor se enquadrava naquele local. Neste jardim que se distinguiu pela colecção de “plantas gordas” e sobretudo pela abundância de agaváceas, existiam também cicas, estrelícias, araucárias e uma palmeira das Canárias de grandes dimensões. Aproveitando a depressão existente numa pedreira desactivada, onde um enorme filodendro trepava por uma parede, foi instalado um fetal, com exemplares arbóreos, e ainda bromeliáceas e sansevieras. No bosque, atravessado por pequenas veredas tortuosas, predominavam pinheiros e eucaliptos. Da rica colecção de cactos e de agáves, algumas desenvolveram-se de modo a formarem um coberto vegetal impressionante. O castelo-mirante, ainda hoje visível, de evocação medieval, constituía um traço marcante do revivalismo romântico.

No vale das Furnas, o nome de E. Canto aparece, em 1866, a encabeçar um grupo de cinco proprietários interessados no projecto de instalação de um jardim nas margens da ribeira das Murtas, tendo em vista aformosear o centro do vale. Desta associação nasceu o Parque das Murtas, primeiro exemplo de um jardim vocacionado para lazer do público, com projecto do jardineiro inglês George Brown, chegado a S. Miguel em 1845, para se ocupar, inicialmente, dos jardins de J. Canto²³. O projecto previa a plantação de espécies exóticas que deveriam conferir um ambiente aparentemente natural e romântico, a formação de um lago artificial à custa do alargamento do leito da ribeira e a implantação de passeios, largos, destinados ao trânsito de caleches, e de habitações, para os proprietários. O projecto foi cumprido, excepto a construção de quatro habitações, pois apenas a de E. Canto foi edificada conforme projecto do arquitecto francês Hugé, versado na arquitectura pitoresca do *chalet* franco-suíço.

De formação humanista, E. Canto acolheu e orientou muitos dos

²¹ Edmond Göeze, *A Ilha de S. Miguel e o Jardim Botânico de Coimbra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1867.

²² Favresse, “A Quinta dos Prestes”, *O Cultivador*, 1 (1872), pp. 213-214.

²³ C. W. Thomson, *op. cit.*

naturalistas que passaram em S. Miguel (v. g. Drouët, Simroth e Barrois). Os seus conhecimentos de história natural levaram a que Júlio Henriques, director do jardim botânico de Coimbra, lhe tivesse recomendado, com especial empenho, o acompanhamento de um professor norte-americano [William Trelease], director do jardim botânico do Missouri, que tencionava ir a S. Miguel com o intuito de levar a cabo estudos científicos²⁴.

A sua formação teórica e prática sobre a cultura de plantas de jardim foi justificação para que Francisco Ricardo Botelho lhe tivesse pedido um tratado quando se quis dedicar a esta matéria, em carta que lhe dirigiu no ano de 1876 e para que B. Carreiro lhe tivesse pedido ajuda, por carta de 1895, para responder às questões postas por J. Henriques sobre o cipreste e a que não estava habilitado a responder²⁵.

Foi também interveniente na pesquisa e compilação de trabalhos feitos sobre a história natural do arquipélago de que incluiu um levantamento, em capítulo adequado, na obra *Biblioteca Açoriana, Bibliográfica das obras impressas e manuscritas nacionais e estrangeiras, concernentes às ilhas dos Açores* de que foi responsável, publicada em 1890.

Conclusões

O museu acolheu e facilitou, aos forasteiros, a possibilidade de observarem e estudarem colecções de animais, de vegetais e de minerais que ocorrem nas ilhas tentando evitar que as expedições científicas ao arquipélago fossem campanhas de espoliação. Barrois refere-se-lhe como *un véritable musée, pourvu maintenant d'une bibliothèque sérieuse et dont les vitrines renferment les documents les plus précieux et les plus intéressants sur la faune locale*²⁶ que Furtado diz estarem dispostas segundo os melhores catá-

²⁴ Maria Teresa Tomé, *Ernesto do Canto: os Açores na problemática da cultura do século XIX*, Ponta Delgada, Signo, 1989.

²⁵ Cf. Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada (BPAPD), *Fundo Ernesto do Canto*, Correspondência, cx. 1.

²⁶ Th. Barrois, *Catalogue des crustacés marins recueillis aux Açores durant les mois d'Août et Septembre 1887*, Lille, Le Bigot, 1888.

logos, os do *British Museum*²⁷, e terem prendido a atenção do povo que mantivera a sala cheia, durante três dias, aquando da sua inauguração²⁸.

Os jardins valeram, essencialmente, pela riqueza das suas colecções botânicas que apareceram reconhecidas nos relatos de viagem, em particular, dos visitantes mais atentos às novidades e aos sucessos da aclimação²⁹.

Conjuntamente, C. Machado, A. Furtado, T. Carreiro, C. Castro, A. Chaves, J. Correia, A. Borges e os irmãos J. e E. Canto constituíram o que aqui deixamos denominado como o grupo de naturalistas de Ponta Delgada da segunda metade do século XIX. Dedicaram-se à fauna, à flora e à geologia das ilhas e nas instituições que organizaram e mantiveram, receberam e transmitiram conhecimentos, justificaram referências elogiosas e agradecimentos inequívocos daqueles que os contactaram, no arquipélago e fora dele (v. g. Barrois, Drouët, Morelet, Godman, Hartung, Simroth e Thomson).

Sobre E. Canto, Drouët refere que a sua cortesia lhe foi muito proveitosa³⁰; Simroth expressa agradecimento cordial e público, aos seus saberes meritórios³¹; e Barrois agradece as muitas vezes que lhe dispensou a sua muito preciosa erudição³². E em nota acrescenta: *Animé d'un ardent amour pour son île natale, cet aimable savant a créé et dirige avec le plus grand succès une intéressante revue locale "Archivo dos Açores" qui contient une foule de précieux renseignements sur l'histoire littéraire, politique et scientifique de cet archipel.*

Agradecimentos

L. M. A. agradece a António Manuel Oliveira e a João Paulo Constância as facilidades que sempre tem encontrado no Museu Carlos Machado.

²⁷ F. A. Furtado, "Les Açores au point de vue scientifique", in *Gazette française du Portugal*, 2 (2.12.1884), p. 3.

²⁸ F. A. Furtado, "Sciencia e natureza", *Era Nova*, 1 (1880), pp. 83-88.

²⁹ P. Wallace, *op. cit.*; Cf. Henri Drouët, *Catalogue de la Flore des îles Açores précédé de l'itinéraire d'un voyage dans cet archipel*, Paris, J.-B. Baillièere & Fils, 1866. F. C. Godman, *op. cit.*

³⁰ H. Drouët, *op. cit.*

³¹ Heinrich Simroth, "Die Nacktschnecken der portugiesisch-azorischen Fauna in ihrem Verhältniss zu denen der paläarktischen Region überhaupt", *Nova Acta der Ksl. Leopoldino-Carolinae Deutschen Akademie der Naturforscher*, 56, n° 2 (1891), pp. 203-424.

³² V. notas 10 e 26.

